



METÁFORAS DOS PENSAMENTOS VISÍVEIS E INVISÍVEIS DAS CULTURAS DAS CRIANÇAS - ENTREVISTA COM PROF. GIANFRANCO STACCIOLI¹

Daniela Finco

dfinco@unifesp.br

Universidade Federal de São Paulo

Daniele Pimenta Duarte

daniele.ccpa@hotmail.com

*Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade
Federal de São Paulo*

Apresentação

Gianfranco Staccioli, nesta entrevista, nos provoca a pensar o desenho como linguagem das crianças, trazendo possibilidades para pensar tanto a prática educativa com as crianças como também a possibilidade de pesquisa com crianças. Apesar de o processo de escolarização deixar marcas nos desenhos das crianças, é possível considerar que a instituição de Educação Infantil seja um espaço privilegiado para a elaboração dos desenhos das crianças pequenas. No entanto, para compreender um pouco mais sobre as histórias narradas nos desenhos infantis, faz-se necessário refletir sobre as condições nas quais as crianças estão produzindo seus desenhos e pensando os espaços sociais que elas ocupam. Investigar os desenhos de meninas e meninos propicia-nos momentos para “a escuta” das infâncias, o que nos permite aproximarmo-nos delas por meio das produções das crianças.

Nesse processo, em que se busca uma articulação entre o imaginário, os conhecimentos, as experiências e as relações que as crianças incorporam em suas culturas, o desenho infantil é trazido como instrumento metodológico de pesquisa, de modo que as crianças sejam também protagonistas das pesquisas. Quanta importância nós temos dado

¹ Gianfranco Staccioli, envolvido por muitos anos na formação docente e educacional, em especial com atividades relacionadas com a expressão, desenhos, comunicação, jogo e arte. Participou de numerosas pesquisas na Itália e no exterior (Europa, América Latina e África) sobre formação de professores e educadores. É professor na *Facoltà di Scienze dell'educazione e della formazione* e Secretário Geral da *Federazione Italiana CEMEA*. No Brasil, possui publicações como artigos em Revistas (Revista *Proposições*) e capítulos de livros (Editora Cortez).

aos desenhos das crianças? O que as crianças trazem em seus desenhos? Ao buscar o desafio do protagonismo infantil, em um projeto de cumplicidade dos(das) adultos(as) com as crianças, escutar as crianças no contexto da Educação Infantil, para garantir tempos e espaços que lhes favoreçam a expressão, as descobertas e a criação dos seus desenhos, afinal, “o desenho é, para a criança, uma linguagem, como o gesto ou a fala” (MOREIRA, 1984, p. 20).

Os desenhos das crianças pequenas, em seu contexto de produção, bem como as “falas” delas, revelam “que as crianças são capazes de descrever experiências válidas” (DELGADO e MÜLLER, 2005, p. 172). Nesse sentido, a presente entrevista teve como principal objetivo trazer um diálogo sobre o refinamento das metodologias de pesquisas com crianças e para a construção de uma pedagogia da Educação Infantil que considere as diferenças, as relações entre pares e a escuta. Essa pedagogia que valorize traços subjetivos e, ao mesmo tempo, plurais, garantindo a expressão das crianças e a ausência de modelos cognitivistas, rígidos e sem objetivos preparatórios.

Esta entrevista, que é uma rápida conversa sobre o desenho da criança, discorre acerca da dimensão investigativa presente no ato de desenhar das crianças. Revela que o desenho também é manifestação da inteligência. A criança vive a inventar explicações, hipóteses e teorias para compreender a realidade. O mundo, para a criança, é continuamente reinventado. Ela reconstrói suas hipóteses e desenvolve sua capacidade intelectual e projetiva, principalmente quando existem possibilidades e condições físicas, emocionais, intelectuais para elaborar essas “teorias” sob forma de atividades expressivas (DERDYK 2010). As interações que as crianças estabelecem, a partir de seus desenhos, com os adultos (quando elas falam sobre suas produções, e/ou na multiplicidade de fazeres, que acontecem durante o processo de criação do desenho), a variedade e a expressividade dos traços, cores e mensagens trazidas, revelam a potencialidade do desenho infantil como instrumento metodológico, capaz de nos fazer conhecer, por meio da perspectiva das crianças, os mais diversos assuntos que cercam suas vidas, já que meninas e meninos participam de maneira ativa da sociedade em que vivem.

Nesse sentido, o desenho infantil, como campo amplo de expressividade das meninas e dos meninos, permite-nos entender que a criança, ao desenhar, mergulha numa experiência múltipla, confrontando o real, o percebido e o imaginado (DERDYK, 2010). Enquanto desenha, ela brinca, conta histórias, pesquisa seus traços e significados, retrata

o que observa, expressa suas memórias e imaginação, o que torna o desenho em um meio para que a criança possa exprimir-se com estética própria. Assim, torna-se muito significativo e prazeroso para alguns (algumas) adultos(as), curiosos(as) e interessados(as) na ótica das crianças, que os desenhos infantis sejam, por vezes, guardados ou expostos; outros(as) adultos(as), por sua vez, preferem colecioná-los e investigá-los para olhá-los demoradamente, com profundidade, como linguagem, como artefato das culturas infantis e como documento histórico: “como fontes documentais, [os desenhos] apresentam indícios que levam quem quer conhecê-los a entrar em domínios discretos ou particulares de certo jeito de ser criança, aliados às complexas relações estabelecidas em seu entorno sociocultural”, como nos aponta a pesquisadora de desenhos Marcia Gobbi.

O desenho, uma das muitas linguagens da infância, nos permite olhar para uma das formas de ser criança. Apesar de o desenho não ser um retrato da realidade, “ele pode revelar as concepções já introjetadas nas crianças e outros aspectos da vida, ajudando-nos a ampliar o contexto em que se insere o(a) desenhista e a sua própria criação, numa relação do micro (o desenho e a criança que dele nos fala) com o macro (o contexto). Márcia Gobbi (2011) ao realizar sua pesquisa sobre a obra de Mário de Andrade (poeta, escritor e artista que representa o modernismo brasileiro), evidencia o interesse desse autor pelos desenhos de meninas e meninos. Ao fazê-lo, a pesquisadora salienta o papel que o artista atribui às crianças como protagonistas, construtoras e transmissoras de cultura. Mário de Andrade utiliza as produções das crianças para pensar e discutir as criações de artistas consagrados, reconhecendo, nas expressões das crianças, a busca por uma totalidade de experiências, muitas vezes, perceptivas em suas marcas nos desenhos, o que também nos possibilita uma multiplicidade de olhares para as infâncias: Mário de Andrade caracteriza-se como precursor nas pesquisas que trazem o multiculturalismo para os estudos dos desenhos, até então não explorados. Emergem questões relacionadas a etnia, sexo, idade, nacionalidades dos desenhistas; elementos, em geral, pouco explorados numa época em que as crianças são consideradas como seres cujas produções têm características universais... Mário de Andrade colocava aparentemente tais produções num mesmo patamar quanto à curiosidade que lhe despertavam. Transformaria essa curiosidade em pesquisa, aulas e política pública no Departamento de Cultura do Município de São Paulo (GOBBI, 2011).

Assim, partindo das diferentes situações em que os desenhos das crianças são criados e trazidos para os(as) adultos(as) no interior da instituição de Educação Infantil, os desenhos revelaram o interesse das crianças em “representar seus pensamentos” (STACCIOLI, 2014). Ao abordar o desenho a partir de uma perspectiva sociológica, é possível ainda considerar o contexto social em que as crianças produziram seus desenhos e analisar o desenho infantil como linguagem e como documento histórico. Segundo Gobbi (2002, p. 17), trata-se de um “documento histórico por revelar quem é o autor, revelando assim, concepções de criança e infância”. A pesquisa mostra como meninas e meninos são capazes de “falar” sobre tantos assuntos que estão presentes na sociedade da qual participam (QVORTRUP, 2011). A esse respeito, Staccioli afirma que: Acompanhar as crianças a representar pensamentos “coloridos” requer uma intervenção didática direcionada e precisa que leve em conta o contexto, a organização dos espaços e o tempo, o clima da classe, a escuta competente de adultos que, sinceramente, se interessem pelas elaborações infinitas que as crianças fazem, coisas do mundo externo e interno. Acolher, como adultos, as mensagens invisíveis que atravessam as mensagens que requerem uma aproximação delicada, aberta ao possível e ao incerto. Um modo de aproximar-se das imagens que vai além dos percursos mais comuns de leitura aos quais estamos acostumados (STACCIOLI, 2014).

No processo de criação dos desenhos de crianças pequenas, defendemos que “devemos estar com elas, não apenas olhando e colocando os desenhos na parede sem participarmos do processo” (GOBBI, 2011, p. 88). Devemos participar do processo com elas, para podermos ver que, ao garatujar e desenhar, as crianças nos falam pelos olhares, pelas escolhas dos materiais, pelas palavras balbuciadas, pelas histórias contadas, pelos movimentos etc.. Tal reflexão reforça a necessidade de os desenhos das crianças serem compreendidos junto a elas, atrelados às suas falas, sem, com isso, comprometer a fruição para criar, pois o(a) adulto(a) está como alguém que vive com a criança um engajamento criativo que possibilita a criação (GOBBI, 2011). Os olhares e práticas são conduzidos de tal forma que, boa parte das vezes, não se valoriza as expressões plásticas das crianças, entre estas, sobretudo, as que contenham somente os rabiscos. Tal conduta pode resultar numa relação preconceituosa com as produções ou, mesmo, no interesse em dominar as formas de expressão menos reconhecidas, reafirmando a superioridade de um saber no qual as figuras desenhadas sejam facilmente identificáveis.

Estudar o desenho infantil no contexto de sua produção significa ressaltar a importância de o adulto reconhecer, no desenho da criança, os aspectos simbólicos, originados das relações culturais e contextuais. Dessa forma, o desenho infantil não deve ser interpretado somente pelos(as) adultos(as), mas analisado juntamente com as meninas e os meninos desenhistas, ou seja, as próprias crianças devem nomear seus traços. “É, de fato, no interior da relação adulto-criança, que é possível interpretar e atribuir um significado às garatujas e aos desenhos das crianças” (CAPPELLETTI, 2013, p.21)

Os estudos de Gobbi (2007, 2011, 2014), Cappelletti (2013) e Staccioli (2014) auxiliam-nos a utilizar o desenho infantil como instrumento metodológico para pesquisar como as meninas e os meninos representam as relações que vivenciam e observam, visto que esses estudos ressaltam o aspecto comunicativo presente nos desenhos das crianças, sobretudo quando o (a) pesquisador (a) coloca-se à disposição para escutá-las. Dessa forma, elas trazem, de forma visível, informações e ideias que nem sempre se referem a objetos e a aspectos da realidade visível, ou seja, as crianças representam, por meio dos seus desenhos, (também) suas impressões, seus pensamentos, sentimentos e emoções. É interessante que consideremos a comunicação com o grupo social no qual as crianças estão inseridas, observando que, para a criança pequena, em diferentes ambientes por ela frequentados, desenhos e outras formas expressivas não estão separados do cotidiano, ao contrário, podem estar espalhados ou esparramados sucedendo todos os dias. Seus trabalhos resultam de pesquisa pessoal, da interação com outras crianças e com o entorno social e cultural ao qual estão expostas e, ao mesmo tempo, constroem. Suas criações são registros, marcas históricas deixadas por elas desde pequeninas. Sintetizam e derivam de preocupações culturais, valores estéticos, modos de ver e estar no mundo. Esses desenhos e seus desenhistas procuram, sem dúvida, por vezes, corresponder às demandas sociais que lhes interrogam e impõem jeitos de criar seus desenhos e de constituir-se frente ao mundo. (GOBBI, 2014)

Nessa perspectiva, esta entrevista nos provoca a compreender o desenho das crianças em todo o seu processo, e não apenas como produto final. Staccioli (2014) sugere que os(as) adultos(as) encorajem as crianças a desenharem o que pensam, a representar o que pode parecer não visível. Convidamos todas/os para saborear este breve, mas intenso diálogo com Gianfranco Staccioli, que nos revela que desenhos das crianças pequenas oferecem ricas oportunidades para conhecermos as crianças e os aspectos das culturas das infâncias.

Esta entrevista foi realizada no contexto de uma visita à Itália a partir do Acordo de Cooperação Acadêmica entre a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), a Università Degli Studi Firenze (UNIFI) e a Universidade de São Paulo (USP). Agradecemos ao professor Gianfranco Staccioli pela entrevista concedida e também à professora Daniela Sarsini, que gentilmente recebeu a pesquisadora Daniele Duarte Pimenta, do Programa de Pós-graduação em Educação PPGE - Unifesp, durante o seu estágio *sandwich* na Università Degli Studi Firenze, entre o período de janeiro e fevereiro de 2016.

1. Observando seu percurso acadêmico, suas pesquisas e seu interesse de investigação, você pode nos dizer por que a escolha de pesquisar os desenhos das crianças?

Eu poderia responder... Por que não pesquisar os desenhos das crianças?! Na Pedagogia, os desenhos das crianças não eram observados até o fim de 1800. No Brasil, por exemplo, sabemos, com Mário de Andrade, que fez um grande trabalho de contar (pelos desenhos) como as ideias das crianças são criativas e, assim como outras linguagens, também a linguagem gráfica é importante. Resta entender, se é importante, em que coisa é importante o desenho? Certamente é importante para as crianças porque elas desenhavam mesmo que ninguém peça. Então não é um problema de “te ensino a desenhar”, mas “te permito desenhar”. A criança desenha e a pergunta que nós colocamos é o que somos capazes de descobrir, de ver, de compreender da linguagem das imagens que são representadas nos desenhos das crianças.

No início de 1900 há uma série de estudos que indicavam como se podiam

ler os desenhos das crianças pensando sobre tudo a relação entre representações externa e interna das ideias, pensamentos, problemas.

Resta ver o que queremos ler? Houve uma primeira fase de leitura psicológica, houve uma segunda fase de leitura cognitiva com identificações dos níveis de representação correspondentes aos níveis de compreensão de cada idade com os conceitos que conhecemos (linhas de base etc.) e há atualmente uma “escola”, aquela que eu vejo como a mais interessante nesse momento, aquela que reconhece que, porque as crianças pequenas ainda não escrevem, o desenho representa uma dimensão comunicativa da mesma maneira que a linguagem verbal ou escrita.

Tanto é verdade, que quando as crianças começam a desenhar, elas inserem dentro dos desenhos os signos que são parecidos com letras do alfabeto, depois uma série de letras do alfabeto que faz entender que não estão mais desenhando, mas estão escrevendo.

A imagem como comunicação é: “eu quero dizer e quero dizer-lhe algo”. “O que eu quero dizer-lhe? Você é capaz de ler?” Este é um problema do adulto, que para ler necessita de um vocabulário e o vocabulário do adulto é um vocabulário da sua própria formação.

Então já se tentou ler psicologicamente o desenho, mas talvez a criança estivesse comunicando também outra coisa. Há uma leitura do adulto do tipo cognitiva, isto é, para ver a capacidade de representação a que ponto está no estágio de passagem da tridimensionalidade da realidade e a bidimensionalidade da representação e há a falta de tempo que é outro fator. Tempo e espaço são completamente diversos e reestruturáveis.

Há toda uma leitura que pode ser feita para entender em que ponto você está para entender como funciona a linguagem gráfica tradicional (se pensamos como é utilizada a imagem no setor artístico, a situação muda completamente). Há depois esta pesquisa interessante para entender o que está contando a criança enquanto desenha. Contar não é somente dizer o que acontece, é usar a narração (que tem uma sequencialidade nos eventos) para contar metaforicamente algo que não há no

conto, mas que se entende existir no conto - grande função das fábulas é de narrar os animais, que na realidade são o homem. A narração é um meio, uma função para dizer algo ao outro. Então nos interessa no desenho poder entender a narração, ou seja, todas as mensagens que não são visíveis e que necessitam ser compreendidas no seu interior. Esse é um objetivo que requer uma escolha da parte de quem faz pesquisa e uma série de condições (como intervir, como se acolhe, como descobrir, etc.).

2. Estudando o desenho das crianças como possibilidade de uma metodologia de pesquisa para escutar, conhecer aquilo que as crianças pensam e nos contam, podemos pensar na ideia do desenho infantil como documento, de acordo com a profa. Dra. Márcia Gobbi, aliando o desenho das crianças às suas falas durante o processo criativo dos desenhos. Em seu artigo no livro publicado no Brasil “Infância e suas linguagens”, você traz o conceito de “desenho como metáfora dos pensamentos visíveis e invisíveis das culturas das crianças”, desenho como símbolo. Como nós, professoras/es e pesquisadoras/es, podemos compreender as culturas da infância impressa nos desenhos das crianças e estudá-las (com os olhos de

um adulto) sem perder as ideias presentes nas imagens reveladas pelas crianças?

Devemos concordar, como conceito de base, que a realidade não é representável. Nenhum instrumento que o homem fez consegue representar toda a realidade, nem com a linguagem escrita, nem com a linguagem visível, nem com a linguagem gráfica. Então esta é a primeira descoberta que uma criança faz: “não se pode colocar tudo, pelo menos tento colocar, então coloco as coisas que vocês adultos pensam não existir”. Porque com a linguagem gráfica eu posso exprimir certo modo, porém com a linguagem escrita é difícil imaginar, às vezes, as emoções de quem escreve. Se eu vejo a pessoa que fala, não arrisco entender sempre as coisas que diz (porque as palavras são ambíguas etc.), então transportar a experiência real, lúdica ou mesmo da criança, que é uma experiência global, através de um meio que não é global, comporta uma escolha entre esta possibilidade. Mas no início, a criança não tem a ideia que deve fazer uma escolha e nos traz tudo. Somente quando os adultos não entendem e dizem para representar de certo modo, então eles trazem algo. Naquele artigo tinha o desenho de um menino de dois anos de uma lua e o irmão mais velho o

reprende porque dizia que não era assim que se fazia uma lua. A ideia provavelmente do menino menor é que a lua não é um astro conceitual e não pode ser se quer desenhada. Se eu digo lua, nós entendemos: mas estou falando da lua cheia ou minguante? Estou falando de uma lua de manhã ou de noite? Do que estou falando? A criança representa a lua em seu contexto e não de maneira conceitual. A responsabilidade disto não é da criança, e sim do contexto. Porque o contexto permite certas coisas e não permite outras. Há as representações gráficas, através das cores, signos e todos os outros tipos de estudos que podem fazer ver que o desenho não representa o estereótipo das coisas, mas como as coisas aconteceram. É um misto entre sinais e símbolos, porque há algo que dá um traço de indicações, mas este é um traço aberto, assim como todos os signos são. Então se a pessoa que faz pesquisa fez este tipo de escolha, isto é, a realidade não é representável e as tentativas de representar a realidade não são para se obter os estereótipos da realidade, mas para ter uma mensagem o mais possivelmente confiável, mas não fotográfica da realidade, mesmo porque nem mesmo a fotografia representa a realidade. Não será nunca a realidade, falta sempre algo.

Então necessita entender o que há no contexto da criança. Cada intervenção forçada produz uma defesa, cada solicitação errada produz uma resistência. É preciso saber qual é a maneira mais tranquila (mais confortável) para se obter os desenhos das crianças, sabendo que se você pede algo às crianças, elas o respondem para satisfazer o seu interesse, e se te respondem, não digo que estão realmente falando do desenho, falam de outra..., porque a linguagem é uma outra maneira de comunicação.

Em teoria, seria mais coerente ter a possibilidade de estar ao lado do desenhista e esperar que as informações venham, no máximo com um pequeno estímulo (por exemplo, “sabe eu não entendo”), colocar-se como pessoa e não como outro... Fazer entender que não há uma mesma específica nem uma avaliação baseada nos modelos da nossa cultura. Este método requer muito tempo e um contexto adequado, podem também ser criados pequenos grupos com as crianças. Quando vem um pesquisador, se deve perguntar “quem quer ir lá e participar daquele momento?”. Depois ainda resta o problema de considerar as interpretações que provém da sua capacidade de leitura. Eu procedo

pensando que tenho resultados credíveis, mas não verdadeiros.

3. Fazendo um levantamento sobre as teses orientadas por você, identificamos algumas categorias de análise que relacionam o desenho com a questão de gênero. O que você pode nos dizer sobre esta questão?

A relação de gênero não é só um problema de sexo, mas do papel no contexto e na sociedade. A dimensão biológica é somente uma dimensão e outro aspecto àquele da cultura. Uma criança pequenininha, entre um ano e meio e dois anos (no início da linguagem) é capaz de explicitar a diferença de gênero. Antes de nascer, o sexo é definido pela mãe com as cores, os brinquedos, o quarto. Difícil dizer quando começa esta diferenciação, depende do contexto. Não há momentos precisos, o momento da linguagem é aquele mais evidente, mas pode ser que aconteça depois.

Continua difícil e aqui há todo o problema sobre a diferença de gênero. Continua difícil entender o quanto influencia o contexto. Se a criança assiste aos desenhos animados desde pequenininha... A diferença é já evidente, porque reconhece a mãe e o

pai, os animais e os outros personagens. Há personagens que se distinguem pelo sexo. É mais difícil distinguir as tarefas tradicionais do homem e da mulher. A crítica que faço e que fiz a estas teses é que as crianças assimilam as diferenças de gênero em relações junto aos comportamentos relativos aos gêneros mesmo (o macho na fábula se torna o defensor, o herói, então, é o homem forte) e a menina sempre delicada, mais dedicada à casa. Os estereótipos estão lá, mas a cultura dos meios de comunicação já percebeu que o público não quer mais estes dois modelos, porque a mulher não é mais a de 25 anos atrás. A mulher conquistou a sua autonomia e o homem manifestou as suas incertezas... E há uma mudança também nos filmes, desenhos etc., cujo personagem principal é a mulher. Falar de estereótipo é pensar naqueles de 20 anos atrás, não é falar a mesma coisa. Precisa entender quais são os estereótipos de hoje.

O que é o estereótipo? É a repetição de uma mensagem. A ideia de que a mulher hoje seja uma super heroína não é estereótipo. Porque é novo, mas em algum momento se poderá dizer que a mulher é uma super heroína e o homem é muito mais fraco (outro estereótipo). Então quais são os estereótipos? Podemos recorrer ainda àquele modelo

de 20 anos atrás? O estereótipo não está entre o masculino e o feminino, mas entre a menina e a adulta, a menina e a bailarina. Faz-se necessário entender quais são os estereótipos de hoje. O papel é um estereótipo? É o modo como se vivem os papéis que podem ser estereotipados. Diferenciações de tarefas: quando é um estereótipo? Frequentemente se usa uma linguagem que é muito esquemática, que não explica a realidade, que é muito mais articulada.

4. Em suas pesquisas sobre o desenho infantil, aponta a relevância sobre o estudo dos traços e das linhas exploradas pelas crianças, diferentemente da perspectiva dos estudos que veem o desenho como desenvolvimento cognitivo. Como estes elementos podem contribuir na metodologia de pesquisas com as crianças?

Há um tema que é bastante interessante que podemos chamar de estilo analítico. Os italianos são abundantes na escrita, os britânicos são ascéticos (escrita linear e limpa), eles gostam dessas coisas (belo discurso com precisão). As duas coisas não são idênticas, mas elas dão o mesmo prazer

estético. Há sinais que eu faço assim porque eu considero que são mais bonitos e me dão mais prazer. Este é o estilo pessoal que tem a ver com o trabalho artístico e estético. As cores, por exemplo: cada artista tem a sua preferência de cores (Matisse utiliza rosa e azul, Caravaggio contrasta entre claro e escuro). A criança faz a mesma pesquisa, bem como faz do ponto de vista comunicativo do conteúdo do desenho. A análise de cor tem o mesmo problema da narração. A cor é o resultado de uma profunda emoção, eu posso ver a cor como uma capacidade de representação de colocar juntas as cores de maneira estética harmoniosa, ou eu posso ver a cor como uma pesquisa que me dá prazer estético daquilo que eu representei. Isto não é uma contradição com a narração, porque cada história tem uma dimensão, uma preferência de representação. Assim, o signo gráfico, o vemos como passagem do informal para o formal, ou como uma pesquisa constante de equilíbrios, de formas, de descobertas. Há muitos autores que falam dos estilos estéticos das crianças, cada um busca um caminho para estudar o desenho. Signo como pesquisa do

prazer de representar, que é um dos prazeres do desenho. Por que se desenha? Porque estando fora dos objetos, você sente vontade de desenhar. Este é um estudo longitudinal para ver quais as mudanças que ocorrem em uma representação, sabendo que não podemos levar em conta as variáveis.

Finalizamos esta entrevista com um "desenho-presente" feito por Chiara. As crianças italianas, assim como as crianças brasileiras, nos presenteiam com desenhos (quem é, ou já foi professora/professor de crianças pequenas sabe que as crianças costumam presentear as/os professoras/es (e também outras crianças) com seus desenhos, muitas vezes trazidos dobradinhos em seus bolsos e mochilas, como forma de afeto e carinho...). O desenho de Chiara (presenteado durante uma visita a uma *Scuola dell'infanzia*, em Roma) representa aqui a sensibilidade e a necessidade de expressão das crianças e o desejo de se aproximarem e o prazer de estarem juntas, crianças e adultas/os.



Desenho-presente de Chiara: “Desenhei uma mulher pra você”.